

APRESENTAÇÃO

I. Instantâneo biográfico

Sobrevivi aos anos noventa no Recife. Sobrevivi com todos os sentidos que se pode atribuir a este verbo. Sobrevivi na quarta pior cidade do mundo para se viver daquela década, segundo um instituto de estudos populacionais de Washington, “perdendo” apenas para três cidades africanas. Sobrevivi a assaltos, a falta de perspectivas de trabalho, enfim, a toda sorte de miséria de um centro urbano caótico e atravessado pela pobreza extrema (segundo o Censo 2000, metade da população da cidade – 1,3 milhões de pessoas – vive em favelas e mocambos). Mas também “sobre vivi”, vivi acima. Vivi acima destes problemas. Vivi numa cidade que apesar de suas infinitas mazelas, promoveu a maior inquietação cultural do país no período. Uma movimentação no mundo da cultura, iniciada por jovens músicos, que foi capaz de transmitir um orgulho para toda uma geração que sobrevivia aos vergonhosos índices de coeficientes sociais. Movimentação esta que no ano corrente marca dez anos de atitude e que atende pelo ecológico nome de Manguê.

Porém, antes de chegarmos aos noventa, passemos antes pelos anos setenta numa rápida ilustração biográfica. Nasci no primeiro ano desta década e fui criado num bairro de zona norte Recife¹. Filho de classe média baixa, fui de alguma forma um privilegiado tendo em vista que minha formação escolar fora toda feita em escolas privadas², o que me possibilitou posteriormente o ingresso na melhor universidade do Estado de Pernambuco, a Federal, que é paradoxal e estrategicamente gratuita (esta é uma das formas da elite manter o binômio conhecimento-poder). No entanto, apesar do privilégio, estava mais para “cavalgado” do que para “Cavalcanti” - denominações pelas quais dominados e dominadores são conhecidos na ex-capitania açucareira - e o orçamento mensal

¹ Como no Rio de Janeiro, dada as devidas proporções mediante um nível de pobreza ainda mais acentuado, os bairros mais populares na capital pernambucana também se localizam na região norte do município.

² Apesar de terem sido respeitáveis no passado, tendo inclusive estudado nelas algumas personalidades da vida pública brasileira, as escolas públicas da “vila maurícia” entraram em estado lastimável a partir da segunda metade do século XX.

familiar era apertadíssimo. Devido a minha localização habitacional da infância, aprendi, entre outras coisas, a jogar bola e também nomes de santos e entidades caboclas. Em minha rua, ainda sem calçamento, passavam agremiações de caboclinhos³. Passavam não em desfiles oficiais, mas sim porque suas sedes se localizavam nos arredores e a via pública em que morava era itinerário de seus cortejos. Contrariando todas as análises mais atuais que combatem uma possível pureza original cultural, aquilo era o que ficou batizado de cultura popular em estado genuíno(?), ainda em estado livre dos holofotes e dos registros midiáticos que, poucos anos mais tarde, chegariam com todo vigor. Não desprovido de certo romantismo, aquilo me enchia os olhos e o interesse. E eu criava um medo tolo (e romântico!) de perder estas manifestações do povo, das quais os caboclinhos era só minha (mais próxima) ilustração.

Sob a égide do mesmo medo, emerge na mesma vila e na mesma década de setenta um movimento com preocupações preservativas em relação a cultura popular. Propondo uma elaboração estética através da fusão das manifestações populares e o universo erudito (?) brasileiro de corte medievalista e ibérico, surge o Movimento Armorial, encabeçado pelo escritor e professor universitário Ariano Suassuna e com apoio da própria Universidade Federal de Pernambuco. Composto por vários artistas que em geral possuíam uma formação artística e intelectual acadêmica, o Movimento Armorial se determinou a realizar uma arte originalmente brasileira tendo como base toda produção cultural popular e para isso precisava manter esta produção livre de interferências externas, produzindo um discurso de preservação e resgate histórico que ainda reverbera até nossos dias. No calor das realizações armoriais, nosso velho e tolo medo parecia se dissipar aos primeiros acordes da Orquestra (ou do Quinteto) Armorial. *Como um lugar do terceiro mundo podia gerar uma produção artística tão disciplinada e consciente de suas raízes? Estamos salvos.* Era o que pensávamos na época.

³ Conforme a definição do folclorista e pesquisador Roberto Benjamim, o caboclinho é um “folguedo de representação da vida indígena utilizando, talvez reminiscência de autores jesuítas de catequese, elementos visuais e literários do romantismo indianista e traços das culturas indígenas oriundas da música e dança religiosas, de cultos semi-secretos, somados ainda a elementos de culturas negras”. In: Brincantes, pág. 70.

Saltemos de volta a década de noventa. Em meio ao quadro de decadência econômica e cultural que atravessava Pernambuco, jovens urbanos aparecem fazendo burburinho pelas ruas da capital. Trajavam chapéu de palha com chips de computador grudados no corpo por esparadrapos e sampleavam batidas de maracatu com *hip-hop*. Andavam como se dissessem:

Devemos considerar muito importante a faculdade de sentir diretamente as coisas, para além de qualquer sentido histórico, pelo menos na medida em que esta falta de sentido histórico constitui o único fundamento sobre o qual é possível edificar algo de justo, de são, de grande e de humano.⁴

A partir de então, como num aparente paradoxo, não só os números de caboclinhos, mas de todas as agremiações populares de uma forma geral, voltaram a crescer. E percebi que meu medo era ingênuo.

II. Instantâneo neo-liberal – um rápido, rasteiro, alegórico e certo desenho

Saindo temporariamente do mundo das artes e da cidade do Recife, para o mundo da economia e da política (como se a desvinculação arte-política-economia fosse possível), o fato é que entre as décadas de setenta e noventa assistimos além da queda do muro de Berlim e de todo bloco socialista, a ascensão econômica e discursivo-ideológica do neoliberalismo. Grosso modo, é a derrocada do Estado e suas possíveis políticas de incentivo a programas sociais e culturais (grosso modo porque no Brasil – e alhures - ainda temos, de forma não muito satisfatória, algumas leis e programas de incentivo sob a responsabilidade dos governos). Conseqüentemente é também o desmoronamento do discurso da identidade nacional e, de acordo com Beatriz Sarlo,

em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado. As ciências sociais descobrem que a cidadania também se pratica no mercado, e que as pessoas que não têm como realizar suas transações ali ficam, por assim dizer, fora do mundo. Fragmentos de subjetividade se obtêm nesse cenário planetário, da qual ficam excluídos os muito pobres.⁵

⁴ NIETZSCHE, F., *Considerações intempestivas*, pág. 110.

⁵ SARLO, B., *Cenas da vida pós-moderna*, pág. 26.

Assim, não com muito bom grado, entramos no “salve-se quem puder” do mercado. Entramos no paradoxal mundo livre do mercado. Onde a liberdade parece corresponder proporcionalmente ao poder de consumo de que cada indivíduo dispõe. E a inteligência também, como se a nossa capacidade de subjetivação e expansão de raciocínio fossem medidas pelas nossas contas bancárias. Mas, para aqueles ainda não lobotomizados, essa liberdade adquirida a cédulas não interessa (muito menos essa inteligência). Mesmo que interessasse, dispor de poder aquisitivo no mundo livre do mercado, salvo na condição da pequena minoria de herdeiros, “é como um concurso milionário da TV: existe um infinito globo com bilhões de bolinhas girando em algum lugar. A cada instante uma deusa retira um número, que pode ser o meu”⁶. Ou o seu, numa proporção de X bilhões/um, o que significa uma sorte de todas as fitas do Senhor do Bonfim (com a licença dos baianos) reunidas numa só pessoa.

E o que é pior, nos últimos anos assistimos por parte dos defensores do neoliberalismo um discurso da inexistência de alternativas capaz de desacreditar qualquer iniciativa política. Aliás, um discurso não necessariamente verdadeiro, montado e apoiado sobre os fracassos das experiências socialistas, pois como coloca Robert W. McChesney

A idéia de que não pode existir alternativa melhor do que o *status quo* é, mais do que nunca, artificial nos dias de hoje, diante de tantas maravilhas tecnológicas capazes de melhorar a condição humana. É verdade que ainda não está claro como estabelecer uma ordem pós-capitalista viável, livre e humana, idéia que guarda em si mesma algo de utópico. Mas todo progresso histórico, desde a abolição do escravismo e estabelecimento da democracia até a extinção formal do colonialismo, teve de superar, em algum momento, a idéia de sua própria impossibilidade pelo fato de nunca ter sido realizado antes.⁷

Para os neoliberais “*não adianta, não há como escapar do mundo livre*”⁸. Um mundo no qual, segundo o *Relatório Global 1996* da Organização para o Desenvolvimento Industrial da ONU⁹, a disparidade entre os 20 % mais ricos e os 20% mais pobres da população mundial aumentou mais de 50 % entre os anos de 1960 a 1989, anunciando um crescimento da desigualdade social como resultado do processo de globalização.

⁶ Trecho da música *Samba esquema noise*. In: *Samba esquema noise*, mundo livre s/a.

⁷ *Apud* CHOMSKY, N., *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*, págs. 16 e 17.

⁸ Trecho da música *Concorra a um carro*. In: *Por pouco*, mundo livre s/a.

⁹ CHOMSKY, N., *op. cit.*, pág. 126.

Parecemos caminhar para um abismo entorpecidos pelo mercado e pelo consumo. Porém,

é possível justificar a solidariedade, como artistas, escritores e cientistas, enquanto dispusermos de uma certa emancipação, ou ao menos tivermos vontade de que a emancipação e a renovação do real continuem fazendo parte da vida social – isto que chamamos de utopia.¹⁰

O nosso real conhecemos (ou ao menos deveríamos, como intelectuais ou artistas) muito bem. Basta transitarmos atentos pelos grandes centros do país para constatar uma paisagem onde as favelas se multiplicam, menores se espalham pelas ruas e a violência se intensifica a cada dia. É quase impossível, por mais que uma estratégia de passividade seja montada, ignorarmos nosso quadro social. Portanto, como num simples exercício de lógica, se agirmos com a idéia de que não haverá possibilidades de mudança para melhor, estaremos garantindo que não haverá escolha para melhor. A opção é nossa.

O espírito deste trabalho está posto.

¹⁰ CANCLINI, N. G., *Consumidores e Cidadãos*, pág. 287.

Introdução

O objetivo central deste trabalho é investigar o lugar da literatura nas arenas culturais contemporâneas, tomando como referência o Mangue, cooperativa cultural surgida no início da década de noventa na cidade do Recife. Tomei como mote para tal empreitada uma declaração do escritor Ariano Suassuna, na qual questiona a autenticidade do Mangue como movimento cultural, tendo em vista que nele a literatura, mais precisamente no seu gênero Romance, se faz ausente.

Partido da inspiração desta declaração, organizei sua estrutura em três partes. Na primeira, *Nos quintais do mundo da teoria*, são discutidos vários autores que trabalham teoricamente o lugar da literatura na chamada pós-modernidade. Discutem-se temas como a fragmentação narrativa, a derrocada do Estado-Nação, ascensão de novas mídias e democratização cultural e a própria crise na literatura.

Em seguida, na parte intitulada *Pernambuco debaixo dos pés e a mente na imensidão*, é relatada toda a gênese do Mangue, partindo de um breve relato historiográfico do Estado, passando por uma rápida exposição dos movimentos culturais que lá ocorreram durante o século XX e chegando até a investigação da formação e dos principais instrumentos de ação desta cooperativa cultural que transformou o ideário da cidade do Recife.

Por fim, em *Possíveis paralelos*, além de estabelecer correspondências entre as duas primeiras partes, mostra-se o Mangue como um texto que pode ser lido em várias perspectivas políticas, desenhando uma espécie de sociologia da cultura.

A idéia de realização deste trabalho sofreu o impulso inspirador de dois artigos. Um de caráter mais teórico, e o outro, podemos dizer, de cunho mais pragmático. O primeiro, *Periferia exige nova crítica*, de Heloísa Buarque de Hollanda, atenta para as produções culturais periféricas (e/ou *undergrounds*) que estão ganhando cada vez mais espaço com as novas potencialidades tecnológicas. A autora localiza sua análise nos anos noventa, destacando nesta década uma forte presença de poetas e poéticas provenientes de áreas subdesenvolvidas e/ou suburbanas de baixo poder aquisitivo. O ponto que a própria Heloísa classifica como o mais atraente de sua análise é justamente o alcance político destas

produções, através de uma inédita proliferação de canais e arenas (políticas) onde correm uma infinidade de estilos e formatos.

O segundo, *Eu só quero fazer parte dessa Nação*, redigido pelo antropólogo Hermano Vianna, é a concretização fidedigna do artigo anterior. O texto, personificado na maior referência musical (e cultural) do Mangue, o grupo “Nação Zumbi” (que acompanhava o falecido cantor/compositor e um dos ideólogos da movimentação Chico Science, morto em um acidente de carro no ano de 1997), mostra como esta movimentação cultural foi (e continua sendo) geradora de uma antropofagia cultural (livre de um discurso marcadamente identitário) que deu nova potência e direção aos agrupamentos combativos, tornando-se um marco da cultura brasileira dos anos 90.